EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

2018

CURRÍCULO, MÍDIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:
DESNATURALIZAR REPRESENTAÇÕES NATURALIZADAS

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

ENCONTRO IV

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR 2018

ROTEIRO PEDAGÓGICO – ENCONTRO IV

Relações Étnico-Raciais: protagonismo e representação da mulher negra na mídia

A mídia tem se constituído em um dos espaços de eco e protagonismo das mulheres negras, que utilizam as redes sociais e mídia impressa em uma posição contra hegemônica à naturalização do racismo, do sexismo, bem como, das representações e discursos fetichizados, folclorizados, subalternizados e exóticos. As estereotipias e estigmas produzidos e reproduzidos pela mídia, interferem de maneira nociva na afirmação identitária desse coletivo. Segundo Antonia Quintão (2002) a exclusão simbólica, a não-representação ou distorções da imagem da mulher negra nos meios de comunicação são formas de violência dolorosas e prejudiciais.

O uso da mídia como uma forma de empoderamento e resistência das mulheres negras, é cada vez mais crescente, pois, mediante os novos arranjos globais são necessárias novas formas de atuação e posicionamentos para garantir visibilidade positiva, como também para articular e mobilizar suas lutas e demandas.

As mulheres negras utilizam as mídias não somente para combater, desnaturalizar as representações discursos veiculados sobre elas, como também para instrumentalizar lideranças femininas para lidar, se apropriar do uso das novas tecnologias da comunicação e informação, pois, grupos historicamente marginalizados, destituídos de poder, dificilmente conseguem narrar ou se auto-representar, tampouco contestar e desconstruir estereótipos, racismos operados na indústria midiática.

Conforme Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), as mulheres negras representam aproximadamente 56 milhões da população brasileira, entretanto, as desigualdades sócio/raciais são imensas, decorrentes de um processo histórico estrutural e estruturante. De acordo com o PNAD em 2009 a distorção idade-série no ensino fundamental atingia a 22,7% da população negra, contra 12,4% da população branca. Já no ensino médio, a taxa de distorção era de 36,6% para a população negra e de 24% para a população branca.

Segundo pesquisa realizada pelo IPEA (2013), em 2009, 51,1% famílias se declararam chefiadas por mulheres negras; de cada cem mulheres negras chefes de família, (11) onze estavam desempregadas, e entre as brancas este número era de (07) sete. Entretanto, as mulheres negras, na última década, constituíram o grupo social que

apresentou as taxas mais elevadas de escolarização. Todavia, quando analisamos os dados de desemprego, rendimento e condições de trabalho, aparecem com nitidez que os avanços educacionais das mulheres negras ainda não refletem a realidade do mundo do trabalho, que expressam a estratificação social.

Ainda conforme o Mapa da Violência 2015, entre 2005 e 2015, a mortalidade por homicídio de mulheres não negras caiu 7,4%, enquanto a mortalidade de mulheres negras por homicídio teve aumento de 22%, chegando à taxa de 5,2 mortes para cada 100 mil. Ainda, o índice de mulheres negras que já foram vítimas de agressão subiu de 54,8% para 65,3% nesse período.

Diante desse contexto e do papel da escola no enfrentamento dessas questões, estamos propondo para esse encontro discussões, leituras, reflexões e ações que contribuam para compreensão e comprometimento com um processo educativo que gere mudanças no comportamento social.

A escola é um espaço social e sozinha são resolverá conflitos, desigualdades, contradições, enfim, violências sociais historicamente produzidas e reproduzidas. Entretanto, acredita-se a escola ainda é o aparato social fundamental para formar e ampliar a capacidade humana para transformar as condições ideológicas, materiais e simbólicas de subordinação e dominação.

Nesse sentido, os dados aqui apresentados são úteis na produção de outras leituras da realidade das mulheres negras na sociedade brasileira. Mas, sobretudo, os dados são subsídios pedagógicos para problematizar, refletir e repensar questões relevantes acerca das nossas relações sociais e étnico-raciais, apontando a necessidade de desnaturalizar concepções eivada de preconceito, discriminação, estereótipo e racismo em relação às mulheres negras.

IMPORTANTE!

As mulheres negras tem sido parte importante da sociedade brasileira há cinco séculos, como grupo social específico em defesa de seus interesses ou como parte do amplo contingente negro ou geral que luta por justiça social e inclusão social.

Sua atuação pode ser vista desde o regime escravocrata até a atualidade. De fato, as lutas das mulheres negras por equidade se desenvolve ao longo dos séculos e devemos reconhecer que têm sido parte fundamental dos amplos segmentos que constroem cotidianamente o Brasil como nação.

Ainda que violentamente invisibilizadas, pois atuam num contexto de racismo e sexismo, colocam a disposição da sociedade séculos de lutas, de pensamento a serviço da ação transformadora. Em seu horizonte, lutam por uma sociedade sem desigualdades de classe social, de raça/etnia, de gênero, de orientação sexual, de geração ou de condição física e mental, entre muitas outras.

ENCAMINHAMENTOS

Organização
Título do Encontro IV

Relações Étnico-Raciais: protagonismo e representação da mulher negra na mídia.
Duração da Unidade: 30 dias
Início: 28 de agosto
Término: 02 de outubro

Objetivo

- ✓ Vincular com os conteúdos curriculares temáticas alusivas a participação das mulheres negras nas discussões sobre mídia e racismo, combate a exclusão social e racial e seus engajamentos na defesa de igualdade oportunidades na sociedade.
- ✓ Problematizar e refletir sobre as dinâmicas da mídia frente às questões raciais, destacando as representações e discursos engendrados e os papeis destinados às mulheres negras;
- ✓ Subsidiar o aprofundamento teórico e o desenvolvimento de práticas pedagógicas em sala de aula.

ETAPA A DISTÂNCIA

Atividade 1 - Leitura de texto: Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual.
Resumo: O texto trata dos contornos que o feminismo negro brasileiro tem adquirido com a sua inserção nas redes sociais e o alcance e a multiplicação de informação através do compartilhamento de seus textos políticos. Tem como um dos seus focos a visibilização de histórias de mulheres negras antes invisíveis não só na internet, mas também nos meios de comunicação hegemônicos.
Disponível em: http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/811 . Acesso em: 20/02/2018.

Atividade 2 - Leitura e análise de reportagem.

O (não) lugar da mulher negra nas campanhas publicitárias

Problematiza as propagandas de tv, fotos de revistas e catálogos comerciais, quando existe um negro, o enquadramento está desfavorecendo sua presença. Ele está geralmente no canto da imagem, ou em um plano recuado, atrás de todos os outros brancos felizes e vencedores. O sorriso é sempre contido e a postura corporal é sempre incompreensível do ponto de vista da linguagem (sim, o corpo fala e diz muito!).

Disponível em: http://justificando.cartacapital.com.br/2015/12/11/o-nao-lugar-da--mulher-negra-nas-campanhas-publicitarias/ . Acesso em: 22/02/2018.

Atividade 3 – Assistir e refletir sobre os vídeos.

Vídeo 1 - Lugar de fala - Djamila Ribeiro

Discute e problematiza o privilégio branco na sociedade.

A importância de entender de onde vêm os privilégios naturalizados.

Destaca o lugar de fala dos sujeitos, como fundamental para transformações nas relações sociais e raciais.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AINEmjM4Ki4

Acesso em: 16/02/2018

Vídeo 2 - Deixa o Cabelo da Menina no Mundo - Diane Lima.

Evidencia o desafio do empoderamento feminino, e afirmação positiva da estética negra por meio dos cabelos afros.

Disponível em: https://youtu.be/C4KHFTJh70k

Acesso em: 21/02/2018

Vídeo 3 - Precisamos romper com os silêncios - Djamila Ribeiro.

Mostra a conexão entre a diversidade cultural/étnica e os silêncios por dentro da diversidade. Para alguns grupos o silêncio é uma imposição histórica, sentida ainda hoje em vários espaços.

Disponível em: https://youtu.be/6JEdZQUmdbc

Acesso em: 14/02/2018

Vídeo 4 - Sim a igualdade racial - Luana Génot.

Apresenta as relações étnico-raciais no mundo da moda, a hierarquia, os padrões de beleza, a negritude como problema nos espaços de prestígio e necessidade de desconstrução.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HUe-ogOucuA&t=411s

Acesso em: 12/02/2018

Atividade 4 - Questionário/avaliação com base no material de estudo.

MATERIAIS COMPLEMENTARES

Texto: Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira

Resumo: O artigo evidencia como se estrutura a participação das mulheres negras neste meio de comunicação. Este estudo lança um olhar histórico sobre a presença dos negros em anúncios publicitários de épocas distintas.

Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/8229

Acesso em: 09/02/2018

Vídeos

Vídeo 1- Relações inter-raciais e a solidão da mulher negra - Djamila Ribeiro

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4A

Acesso em 20/02/2018

Vídeo 2 - Você me representa: uma mulher negra na mídia - Didi Couto.

Trata sobre a expressiva quantidade de negros e pardos que compõem a sociedade brasileira e ausência de representatividade.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5YdsFwifZHU

Acesso em 21/02/2018.

Reportagem

Mídia e as Negras: a representatividade negra na TV brasileira

Disponível em: https://goo.gl/1byUEJ Acesso em 19/02/2018

ETAPA PRESENCIAL:

- ✓ **Atividade 5 - Debate para aprofundamento teórico**
- ✓ **Atividade 6 - Organização do trabalho pedagógico**
- ✓ **Atividade 7 - Multiplicação dos Conhecimentos.**
- ✓ **Atividade 8 - Desenvolvimento das práticas propostas no Plano de Ação**

Após estudo dos materiais na etapa EaD a Equipe Multidisciplinar com o objetivo de aumentar a compreensão e a apreensão dos conteúdos relacionados à Educação das Relações Étnico-Raciais deverá realizar debates, reflexões sobre o panorama das mulheres negras na sociedade brasileira, como a mídia atua na reprodução do imaginário social coletivo que associa mulheres negras a ocupações inferiores, pobreza, muitos filhos, fora dos padrões de beleza, enfim, fixa atributos nocivos como únicos. Esse exercício didático-pedagógico potencializará a implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais, contribuindo para a elaboração do PTD, a efetivação do PPP, enfim do currículo escolar, possibilitando a criação de mecanismos pedagógicos para intervir, desnaturalizar/desconstruir posturas e concepções historicamente construídas e naturalizadas que impossibilitam a valorização da população negra brasileira e paranaense.

1. **Excerto de textos e questões para reflexão e debate**

"Maria Beatriz Nascimento nasceu em Aracaju em 1942, filha de uma dona de casae de um pedreiro, ela teve dez irmãos. Aos sete anos, ela e sua família migraram para a cidade do Rio de Janeiro. Formou-se em História, em 1971, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Durante sua graduação, fez estágio no Arquivo Nacional. Após a formatura, começou a dar aulas na rede estadual. Foi nesse período que ela iniciou sua militância negra participando e propondo discussões sobre a temática racial no ambiente acadêmico. Participou da Quinzena do Negro como conferencista e nela falou sobre seus incômodos quanto ao espaço universitário falar do negro apenas como escravo, como se as pessoas negras tivessem participado da história apenas como mão de obra. Também ajudou a criar o grupo de trabalho André Rebouças. Em 1981, terminou sua pós-graduação lato sensu na Universidade Federal Fluminense".

a) **Enquanto docente integrante da E.M, qual a sua responsabilidade e contribuição para que as estudantes negras que estão em nossas escolas se transformem em novas Marias Beatriz Nascimento?**

A sociedade silencia a voz daqueles que considera "seres menos", as mulheres negras historicamente foram/são invisibilizadas, silenciadas e sub-representadas. No entanto, travam lutas firmes pelo "direito de terem direitos", pelo direito a voz.

b) **Qual é o papel da escola para o rompimento deste silêncio que se encontra estruturado e considerado como normal?**

Ainda hoje, muitas pessoas atribuem o problema da discriminação racial, do racismo, a família, aos estudantes, ou seja, as próprias vítimas, por não se aceitarem sua negritude e não lutarem pela conquista de espaços na sociedade, aceitando a exclusão.

c) **Como é percebida essa situação? Será que o racismo, preconceito e exclusão sofridos por outros coletivos sociais são semelhantes aos dirigidos às mulheres negras, crianças negras e juventude negra?**

Nos últimos anos, Luana se tornou uma das principais vozes jovens brasileiras contra o racismo. Em 2015, criou o Instituto Identidades do Brasil (ID_BR), marca de roupas do país destinada a questionar, com suas estampas, o preconceito racial dentro e fora do mundo da moda. Carioca criada na Penha pela mãe, a enfermeira Ana, Luana é uma ex-modelo que morou na Europa e sofreu durante a carreira de quase três anos, dos 17 aos 20, pequenas e grandes manifestações de preconceito de agências, marcas e dos próprios colegas. Transformou estas experiências cruéis em força para lutar contra a discriminação e o racismo na sociedade brasileira.

d) **Qual seriam os encaminhamentos pedagógicos para trabalhar exemplos como o de Luana em nossas escolas para fortalecimento da autoestima de nossas estudantes negras que lá se encontram?**

Ainda nos surpreendemos, ficamos admirados quando encontramos uma mulher negra ocupando cargos de chefia, médicas juízas, enfim, funções ou profissões tidas como prestigiadas.

e) **É possível acreditar que vivemos numa democracia racial?**

2. **Interação com os estudantes.**

Este é o espaço para o exercício do diálogo com as/os estudantes a respeito das relações étnico-raciais no ambiente escolar e na sociedade observando a realidade das mulheres negras nas representações midiáticas e no imaginário coletivo da sociedade brasileira, ainda tem em seus corpos uma representação simbólica que às remete a época da escravização, raras exceções, a elas se destinava o trabalho doméstico e na lavoura.

Para a desconstrução desse e outros estereótipos estamos propondo que EM mobilize os estudantes para desenvolver um trabalho acerca dos padrões de beleza estabelecidos pela sociedade, representatividade e representação da mulher negra, o papel da mídia na educação das relações étnico-raciais e o papel da escola no desenvolvimento da educação antirracista.

Sugestões de Vídeos:

Lugar de fala – Djamila Ribeiro

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AINEmjM4Ki4

Acesso em 16/02/2018.

Você me representa: uma mulher negra na mídia - Didi Couto

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5YdsFwifZHU

Acesso em 21/02/2018.

Deixa o Cabelo da Menina no Mundo - Diane Lima

Disponível em: https://youtu.be/C4KHFTJh70k

Acesso em 21/02/2018.

Prática Pedagógica

- ✓ Construir práticas educativas que visibilize a estética negra feminina;
- ✓ Solicitar que pesquisem histórias de vida das mulheres negras que compõem a comunidade escolar (professoras, estudantes, mães, lideranças religiosas, politicas, etc.).
- ✓ Articular essas histórias de vida com conteúdos de suas disciplinas, e com o material de estudo;
- ✓ Organizar exposições na escola, contendo representações e discursos midiáticos sobre mulheres negras, que instigue reflexões e debates;
- ✓ Identificar/destacar (utilizar o material de estudo) alguns mecanismos pelos quais o racismo, a estereotipia, preconceito de marca opera na produção midiática brasileira em relação às mulheres negras.

OUTROS TEMAS PARA FORTALECER O TRABALHO!

Em 25 de julho é celebrado o Dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e Caribenha, estabelecido em 1992 no I Encontro de Mulheres Afro-Latino-Americanas e Afro-caribenhas. É um marco histórico cujo objetivo foi/é reconhecer a luta e resistência da mulher negra contra a opressão de gênero, o racismo e a exploração de classe. No Brasil, essa data foi oficialmente reconhecida em 2014 com a Lei nº 12.987, de 2 de junho de 2014, instituindo o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, comemorado, anualmente, em 25 de julho.

A Lei Maria da Penha, a Lei Federal nº 11.340/2006, é uma referência internacional no enfrentamento às violências contra as mulheres constituindo-se não apenas num instrumento de criminalização, mas de proposição de medidas de prevenção da violência e de proteção às vítimas.

Orientação Pedagógica

Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/lei_maria_penha_escolas.pdf

O trabalho com questões relacionadas às distintas manifestações de violência em relação às mulheres negras é o foco desta proposta. O material sugerido permite pensar ações pedagógicas para combater o racismo veiculado na mídia em relação às mulheres negras. Segundo informações do Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil, no período entre 2003 e 2013, o número de homicídios das mulheres negras saltou de 1.864, em 2003, para 2.875, em 2013. Em contraposição, houve recuo de 9,8% nos crimes envolvendo mulheres brancas, que caiu de 1.747 para 1.576 entre os anos.

Considerações e proposições finais.

Embora as discussões sobre as questões raciais venham acontecendo em diversos espaços, em especial na escola, estamos vivenciando um momento que em cada vez mais as práticas racistas se manifestam. Portanto, um olhar crítico e atento se faz necessário para observar e entender o fenômeno. Isso nos parece um tanto quanto desanimador. Na verdade o que nos apresenta é um cenário desafiador.

Assim, o trabalho pedagógico deverá ser realizado numa perspectiva crítica e que sirva para desconstruir concepções e representações que favorecem a manutenção de expressões racistas. Trata-se de produzir novos jeitos de olhar e interpretar a realidade manifesta de diferentes formas, principalmente as veiculadas pela mídia pelo seu poder de alcance para manipulação ou conscientização.

Atividades e Temas

- ✓ Oficinas Pedagógicas: personalidades femininas afro-brasileiras e Afro-paranaenses, mulheres quilombolas.
- ✓ Rodas de Conversa: Negritude e Branquitude, O corpo como expressão da identidade negra, Consciência Negra; Religiões de Matriz Africana.
- ✓ Sessões de filmes: Vidas Cruzadas, Panteras Negras, Mother of George, Cores e Botas, Indomável Sonhadora.

- ✓ Produção musical: Hip-hop, Rap, Reggae, Funk, dentre outras.
- ✓ Produção cênica: Esquetes, Roteiros, Peças, dentre outras.
- ✓ Produção audiovisual: vídeos clipes, stop motion, cartazes, folders, programa de radio, jornal, propagandas, dentre outras.

Referências

BENTO, Maria Aparecida da Silvia; ARAÚJO, Joel Zito; SANTOS, Joel Rufino dos.; Mídia e produções de subjetividade: questões do racismo. In: Conselho Federal de Psicologia. **Mídia e Psicologia: Produção de subjetividade e coletividade.** Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. **Síntese de Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 2013, n. 32.

Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Org. Mariana Mazzini Marcondes et al. Brasília: Ipea, 2013. 160 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=20978&catid=336>.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc Rio, 2016.

IRACI, Nilza. Mídia e Racismos. In: Mercedes Lima e Terezinha Vicente. (Org.). **O Controle Social da Imagem da Mulher na Mídia.** São Paulo: Caderno de Textos, 2009, p. 33-36.

QUINTÃO, Antonia Aparecida. **Lá vem o meu parente:** as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco (século XVIII). São Paulo: Annablume; Fapesp, 2002.

RAMOS, Sílvia. **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro. Pallas. 2002.

Secretaria de Estado da Educação
Ana Seres Trento Comin

Superintendência da Educação
Inês Carniletto

Departamento da Diversidade
Marise Ritzmann Loures

Coordenação da Educação das Relações Étnico-Raciais e Escolar Quilombola
Edna Aparecida Coqueiro

Equipe Pedagógica
Clemilda Santiago Neto
Edimara Gonçalves Soares
Galindo Pedro Ramos

Equipe Administrativa
Gerusa dos Santos Coelho
Roseli Cristina de Miranda
Tarcísio Moura da Silva

Projeto Gráfico e Diagramação
Coordenação de Produção Multimídia (CPM)
Carina Skura Ribeiro
Fernanda Serrer

CERERQ – Coordenação da Educação das Relações Étnico-Raciais e Escolar Quilombola
Fone: (41) 3340-1711/3340-1689
e-mail: cerde@seed.pr.gov.br

PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

Secretaria da Educação